



ENTREVISTA  
**ISABEL COUTINHO**  
"POLÍTICA  
NEOLIBERAL NÃO  
É VOCACIONADA  
PARA AS PESSOAS"  
// PÁGS. 10-11

COMISSÃO NACIONAL

## Portugal precisa de outras políticas

"Este Governo está em desagregação e nem a cair é competente", uma frase lapidar que António José Seguro deixou na sua intervenção perante os membros da Comissão Nacional, que reuniu no passado dia 18 de maio nas instalações do Instituto Politécnico de Setúbal, referindo-se à falta de rumo das políticas do Executivo. // PÁG. 3



JORGE FERREIRA

XIX CONGRESSO  
NACIONAL

## PS unido para dar novo rumo ao país

"É tempo de mudar" foi o lema do XIX Congresso Nacional do PS, onde ficou patente o clima de unidade em torno da liderança de António José Seguro. E os socialistas saem da reunião magna de Santa Maria da Feira, realizada de 26 a 28 de abril, mais fortes, coesos e preparados para enfrentar os desafios do futuro e dar um novo rumo para Portugal. // PÁGS. 6-9



BR

**40**  
ANOS



LIBERDADE  
IGUALDADE  
FRATERNIDADE

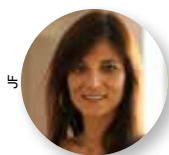
A 19 de abril de 1973 na cidade alemã de Bad Münstereifel, militantes da Ação Socialista Portuguesa (ASP) decidiram, com 20 votos a favor e 7 contra, fundar o Partido Socialista (PS) português. // PÁGS. 4-5

## Quente & Frio



### A ESCALDAR Seguro luta pelo país e Passos em véspera de festa

Ao participar nas comemorações dos 150 anos do SPD alemão, em Leipzig, o secretário-geral do PS, António José Seguro, aproveitou diversos encontros para reafirmar a necessidade de renegociar as condições de ajustamento de Portugal com metas e prazos credíveis e reiterar a sua defesa a favor do reembolso dos lucros obtidos pelo Banco Central Europeu na sequência de operações de compra da dívida soberana. Por cá, o pai do primeiro-ministro e ex-dirigente do PSD fez saber, em declarações ao jornal "i" que o seu filho "está morto por se ver livre disto", referindo-se ao Governo. E, nesta senda, António Passos Coelho salienta que quando Pedro abandonar o cargo, a "família fará uma festa". Certos estamos de que o país fará eco absoluto dos festejos.



### QUENTE Homossexuais podem coadotar

O Parlamento aprovou recentemente, na generalidade, um projeto de lei do PS para que os homossexuais possam coadotar os filhos adotivos ou biológicos da pessoa com quem estão casados ou com quem vivem em união de facto. Mais um passo em frente na marcha lenta pela justiça, pela não discriminação, pelo humanismo e pela proteção eficaz das nossas crianças. Mais uma marca na história do parlamentarismo português sob a chancela do Partido Socialista.



### FRIO Reformados são alvo de TSU inconstitucional

O médico reformado António Passos Coelho, por sinal pai do primeiro-ministro, anteviu o que esperaria o seu filho e prevê agora que o Executivo irá perder as eleições "porque estes desígnios da austeridade são tramados". Aliás, o próprio assinala que qualquer dia não sabe como vai viver por causa do recuo de Portas e do avanço de Passos com a TSU sobre os pensionistas, aposentados e reformados do Estado. "Vivo da reforma e, a cortar, a cortar, não sei como vou viver", avisa ao pai do "custe-o que-custar"... Ah pois custa!



### GELADO Professores surpreendidos com surpresa de Crato

O ministro da Educação manifestou-se surpreendido com a marcação de greves dos professores sem que, antes, tivesse havido tentativa de negociação. Todavia, mais surpreendidos ficaram os docentes por esta afirmação ter sido proferida por Nuno Crato, que recusa habitualmente o diálogo. Surpresos estão também os agentes educativos, pais e até alunos, com a falta de credibilidade política de um governante que se comprometeu a não aplicar mobilidade especial aos professores, mas vai aplicar-se; se comprometeu a não aumentar o horário de trabalho para 40 horas, mas irá aumentar e se comprometeu a vincular os professores com mais tempo de serviço, mas deixou de fora mais de 90% com 10 ou mais anos de serviço... É caso para dizer: deixem trabalhar! ■ MARY RODRIGUES

# Novo líder da UGT exige políticas diferentes

O novo secretário-geral da UGT, o camarada Carlos Silva, eleito no XII Congresso da central, realizado nos dias 21 e 22 de abril, afirmou que "é tempo de acabar com a insegurança no emprego, os falsos recibos verdes, o desespero das famílias". Por isso, defendeu, "precisamos de políticas diferentes para vencer a crise com coesão económica e social". E garantiu que "hoje e sempre a UGT estará na primeira linha da defesa de um Portugal com futuro para todos". Na sua intervenção, o novo



JORGE FERREIRA

líder da UGT disse que a UGT aposta a sua ação em sete áreas fundamentais: o crescimento económico, o emprego, a competitividade, a defe-

sa da Administração Pública, do Estado Social, do sector público empresarial, o Estado de Direito e a concertação social. ■ J. C. C. B.

# Líderes socialistas condenam ditadura da austeridade

O PS Francês, o PSOE e o PS português comprometeram-se a "fazer um combate sério e urgente" para mudar as políticas europeias em favor do emprego e da economia. Estas as garantias saídas de um encontro tripartido que reuniu na sede do PS, no Largo do Rato, no dia 25 de abril, os líderes dos três partidos socialistas.

Como salientou António José Seguro, "este não é um combate geográfico, mas um combate político e ideológico, pelo futuro e pela sobrevivência, não apenas da zona euro, mas da própria União Europeia". Seguro, que falava no final da reunião numa conferência de imprensa, ladeado pelo secretário-geral do PSOE, Alfredo Rubalcaba, e pelo primeiro secretário do Partido Socialista Francês, Harlem Désir, acrescentou ainda que o compromisso assumido nesta reunião de trabalho "passa por



JORGE FERREIRA

um compromisso de solidariedade" para trabalhar em conjunto no seio das famílias europeias socialistas e social-democratas de forma a substituir as atuais políticas de austeridade por medidas de crescimento e de emprego. O principal problema das pessoas, sublinhou Seguro, é o desemprego, o "nosso é o compromisso de mudar a Europa, para que ela coloque toda a sua força, energia, os seus instrumentos, as suas políticas e os

seus tratados, em prol da criação de emprego, do desenvolvimento e da prosperidade". Iniciativas que, para o secretário-geral do PS, "não põem em causa nem o "rigor, nem as boas contas públicas, mas sim a ditadura da austeridade". Para os líderes socialistas reunidos em Lisboa, a zona euro é hoje apenas na sua essência "uma união monetária, precisando de evoluir para uma governação económica e política". ■ RSA

## ACÇÃO SOCIALISTA HÁ 30 ANOS



### 21 abril de 1983 VENCER A CRISE E SALVAR PORTUGAL

"Vamos vencer a crise e salvar Portugal" era a manchete do "Acção Socialista", de 21 de abril de 1983, reproduzindo a frase dita pelo secretário-geral do PS, Mário Soares, numa empolgante intervenção feita na grande festa do 10º aniversário do nosso partido no Coliseu dos Recreios. Nesta edição, o "AS" tinha uma completa reportagem sobre a campanha eleitoral para as legislativas, que acabariam por dar a vitória ao PS. ●



## COMISSÃO NACIONAL

# Portugal precisa de outras políticas

“Este Governo está em desagregação e nem a cair é competente”, uma frase lapidar que António José Seguro deixou na sua intervenção perante os membros da Comissão Nacional, no passado dia 18 de maio no Instituto Politécnico de Setúbal, referindo-se à falta de rumo das políticas do Executivo.

Apesar do clima de caos político em que o Governo está mergulhado, nem por isso o secretário-geral do PS deixou de alertar para a importância das próximas eleições autárquicas, salientando que, ao contrário do que alguns poderão pensar, “não serão um passeio” exigindo, como defendeu, da parte do PS, um trabalho atento e redobrado. Na intervenção do líder socialista houve ainda lugar para uma comparação entre o clima de “degradação e balbúrdia” que se vive no Governo e a unidade a que se assiste no PS, com resultados claros e refletidos, como lembrou, quer nas sucessivas subidas do PS nas sondagens, quer no clima de grande adesão que se sente na rua às propostas socialistas.

Depois de criticar o Governo por estar a preparar mais uma medida gravosa de ataque aos trabalhadores da Administração Pública, propondo desta vez um corte médio de mais 4% nos seus salários, Seguro aconselhou o Executivo a parar de lançar a incerteza e o medo sobre os portugueses, e

em particular sobre as classes mais vulneráveis, sublinhando que aqueles que trabalharam uma vida inteira merecem da parte dos governantes “sossego e tranquilidade”, recordando que em muitos casos são eles o sustento dos seus filhos e netos.

Para António José Seguro, medidas gravosas como esta, “que os portugueses e o PS souberam através dos jornais”, em nada ajudarão a tirar Portugal da crise em que se encontra, garantindo que numa altura em que se assiste diariamente à degradação do Governo e das suas políticas, os portugueses podem confiar no PS, “um partido unido”, que apresenta propostas adequadas, oferecendo uma alternativa forte e sustentada para a resolução dos problemas do país.

### Venham mais quatro

Nesta reunião, dirigida pela presidente do partido, Maria de Belém, que encheu por completo o magnífico anfiteatro do Politécnico de Setúbal, para além da análise da situação política, da res-

pensabilidade do secretário-geral, da apresentação e debate das moções sectoriais, levadas ao XIX Congresso Nacional, apresentação, discussão e aprovação do relatório e contas de 2012, decorreram ainda as eleições para órgãos nacionais: Secretariado Nacional, Comissão Política Nacional e dos diretores dos órgãos da imprensa oficial do PS.

Quanto ao Secretariado Nacional, obteve 91% de votos favoráveis, passando a partir de agora a contar com a contribuição de quatro novos elementos: Francisco Assis, Idália Serrão, João Proença e Jorge Lação. Também a lista para a Comissão Política Nacional foi votada, tendo recolhido 89% de votos a favor, manteve os 65 efetivos e passou a ser liderada pelo presidente da Câmara de Lisboa, António Costa. Foram ainda reconduzidos os diretores das duas publicações oficiais do PS, “Portugal Socialista” e “Acção Socialista”, respetivamente, o deputado Pita Ameixa e o dirigente e candidato à presidência da Câmara de Oeiras, Marcos Sá. ■ R.S.A.

**“A estratégia dos candidatos autárquicos do Governo é simples. Fingem que não são nem do PSD nem do CDS/PP. Fogem como o diabo da cruz da sua sigla partidária”**

## EDITORIAL

### OS CANDIDATOS DO GOVERNO



Marcos Sá

[f marcos.sa.1213](#)  
[t @marcossa5](#)

Para corrermos rapidamente e com sucesso a “maratona” das legislativas, temos que nos empenhar com todas as nossas forças nas próximas eleições autárquicas.

Desenganem-se aqueles que consideram esta eleição fácil! Esta campanha eleitoral tem que contar com o apoio e dedicação de todos os militantes de base, pois só assim conseguiremos fazer passar a nossa mensagem política e mobilizar a população da nossa terra para a importância do voto no nosso partido.

Para além da realização de uma boa campanha eleitoral, a preparação de um bom programa e a constituição de boas equipas, convém estarmos atentos às manobras dos nossos adversários que no atual contexto político, económico e social pretendem enganar deliberadamente os eleitores fingindo que não são, aquilo que efetivamente são – os candidatos do Governo!

Por este motivo, alertemos os nossos eleitores para dois factos indesmentíveis:

A estratégia dos candidatos autárquicos do Governo é simples. Fingem que não são nem do PSD nem do CDS/PP. Fogem como o diabo da cruz da sua sigla partidária. O nosso adversário esconde deliberadamente a sua identidade. Durante a campanha só temos que recordar os eleitores que os nossos adversários são as escolhas do Governo.

De repente a grande maioria dos candidatos escolhidos pelo Governo afirma-se “independente”, mas esqueceram-se que a lei já prevê a possibilidade de candidaturas verdadeiramente independentes às autarquias, pelo que teremos que os desafiar a demonstrar a sua independência com uma candidatura sem o apoio dos partidos do Governo. A verdade, pura e dura é que são candidatos do PSD e do CDS/PP, e como não poderia deixar de ser, candidatos autárquicos solidários com a atual governação do país.

A verdade é que os nossos adversários escondem-se na mentira e nós damos com orgulho a cara pela nossa terra, em nome do PS! ■

**Nota:** O Congresso do PS em finais de abril e a aprovação dos órgãos e dirigentes em maio levaram-nos a optar que esta edição do “Acção Socialista” juntasse num único número as notícias relativas aos meses de abril e maio.



# 40 anos a fazer história democrática

A 19 de abril de 1973 na cidade alemã de Bad Münstereifel, militantes da Ação Socialista Portuguesa (ASP) decidiram, com 20 votos a favor e 7 contra, fundar o Partido Socialista (PS) português, “ponderando os superiores interesses da Pátria, a atual estrutura e dimensão do movimento, as exigências concretas do presente e a necessidade de dinamizar os militantes para as grandes tarefas do futuro”. Quatro décadas volvidas, a história da democracia portuguesa exhibe as marcas de modernidade progressista do PS.

Mas a corrente socialista esteve presente no movimento de ideias e na vida política portuguesa desde o século XIX, tendo existido, ainda sob a Monarquia e durante a República, um partido socialista que, embora minoritário, obteve alguma representação parlamentar.

Dissolvendo-se em 1931, asfixiado pelas limitações à liberdade de opinião e organização criadas pela ditadura militar, nem por isso deixaram de existir núcleos de ativistas que se reclamavam das ideias socialistas, enquadrados nos movimentos políticos que espaçadamente se manifestavam durante o regime salazarista do Estado Novo.

Mas foi apenas nos últimos meses do curto período em que o país foi governado por Marcello Caetano que o Partido Socialista foi reconstituído, num congresso clandestino realizado na República Federal da Alemanha, no qual participaram militantes socialistas do interior e exilados, contando-se entre estes últimos aquele que viria a ser o seu militante número 1, Mário Soares.

Derrubado o regime em 25 de abril de 1974, o PS organizava-se na legalidade. Mário Soares e outros exilados regressavam prontamente.



## A legalidade

Em dezembro desse ano realizava-se o I Congresso do PS na legalidade, em Lisboa, e a linha reformista de Mário Soares sai vitoriosa.

O Partido Socialista português legaliza formalmente a sua situação perante o Tribunal Constitucional a 1 de fevereiro de 1975.

Soares, entre outros históricos socialistas, ocupa cargos governamentais em vários períodos do processo revolucionário e, em conjugação de esforços com outros partidos (nomeadamente o PPD dirigido por Francisco Sá Carneiro), bate-se contra a influência crescente do Partido Comunista Português e da extrema-esquerda durante o “verão quente” de 1975.

Pontos altos desse período conturbado foi sem dúvida o caso do “Jornal República” que culminaria com o abandono por

parte dos socialistas e do PSD do IV Governo liderado por Vasco Gonçalves, precipitando a sua queda meses mais tarde.

Em julho de 1975 o PS convocou dois comícios (nas Antas, no Porto, e na Fonte Luminosa, em Lisboa), que constituíram um êxito retumbante com centenas de milhares de pessoas.

Lá fora, o caso “República” foi entendido pela maioria dos órgãos de comunicação social estrangeiros à luz da tese socialista: o PCP dominava quase totalmente os meios de comunicação em Portugal e o “Jornal República” era a última esperança de se poder assistir à tão desejada liberdade de expressão.

A 1 de outubro, depois dos ânimos serenarem o Governo manda desocupar as emissoras de rádio e televisão, à exceção da Rádio Renascença; no mesmo dia o PS denuncia “a preparação de um golpe de Estado de esquerda”, sendo apoiado por uma notícia saída nesse dia no jornal “O Século” que publica o chamado “plano dos coronéis”; no dia seguinte, o “Jornal Novo” que contém um comunicado do PS sobre uma tentativa de golpe de Estado, é impedido de sair.

## Soares versus Cunhal

Num debate televisivo e histó-

rico de quatro horas, a 6 de Novembro, entre Mário Soares e Álvaro Cunhal confirma-se a profundidade das divergências que os separam, sendo o PS por uma evolução democrática do regime e o PCP declara-se pela adoção de uma via popular e revolucionária tendo como objetivo a implantação de uma Repú-



blica Popular em Portugal.

O VI Governo Provisório liderado por Pinheiro de Azevedo, no dia 20 de novembro, autossuspende-se enquanto não lhe forem dadas garantias para poder governar. Nesse dia é realizada uma manifestação em frente ao Palácio de Belém a favor do “Poder Popular”. Costa Gomes fala com os manifestantes, afirmando ser indispensável evitar uma guerra civil.

Um dia depois, o Conselho da Revolução destitui o general Otelo Saraiva de Carvalho do

comando da Região Militar de Lisboa e substitui-o pelo capitão Vasco Lourenço ligado à linha moderada do Grupo dos Nove e conotado com o PS.

A 23 de novembro é realizado em Lisboa um comício do PS, em apoio ao VI Governo Provisório, no Terreiro do Paço, congregando milhares de pessoas.

Mário Soares, Jorge Campinos e Mário Sottomayor Cardia, da Comissão Permanente do PS, temendo pela vida, saem clandestinamente de Lisboa, na tarde do dia 25, e seguem para o Porto, onde se apresentam no Quartel da Região Norte, ao moderado Pires Veloso e ao Estado-Maior General das Forças Armadas através do General piloto-aviador José Lemos Ferreira.

Em conferência de imprensa, a 4 de dezembro, Mário Soares acusa o PCP de ter participado ativamente no 25 de novembro, utilizando a extrema-esquerda como ponta-de-lança e critica o PPD por “anticomunismo retrógrado” ao pretender o afastamento do PCP, como condição da sua permanência no Governo. Nesse mesmo dia o PS a par do PPD e CDS defendem a revisão do “Pacto MFA-Partidos”.

No dia 26 de fevereiro de 1976 é assinado o II Pacto Constitucio-

*O Partido Socialista assinalou a 19 de abril de 2013 os seus 40 anos com a abertura da sede nacional ao público, um almoço entre o secretário-geral, António José Seguro, e o fundador Mário Soares, em Lisboa, e um jantar em Coimbra com os fundadores.*

nal, com um novo pacto "Pacto MFA-Partidos", subscrito pelo PS, PPD, CDS e PCP.

A 13 e 14 de março desse ano realiza-se uma Cimeira Socialista Internacional no Porto, sob o lema "A Europa Conosco", que contou com a presença de delegações e líderes políticos de todos os países da Europa Ocidental.

#### CEE e SNS

Sempre com Mário Soares na liderança, o PS formou governos monopartidários ou de coligação, obtendo um número elevado de lugares nos atos eleitorais nacionais e conquistando numerosas autarquias.

Momentos marcantes da democracia portuguesa tiveram também a marca indelével do Partido Socialista. Neste ponto saliente-se o pedido feito a 28 de março de 1977 para adesão à CEE e a posterior assinatura do tratado de adesão em 1985.



Internamente, destaque-se a preparação do Sistema Nacional de Saúde pelo ministro António Arnaut, em 1979, que mais adiante veria, enquanto deputado, a sua aprovação na Assembleia da República. Posteriormente, Mário Soares será Presidente da República em dois mandatos sucessivos, com o seu termo em 1995, ano em que o partido, sob a liderança de António Guterres, concretiza uma vitória estratégica em numerosos domínios: obtém a maioria em eleições para o Parlamento Europeu, para as autarquias e para o Parlamento, forma um Governo monocolor (embora com a participação de independentes) e vê um seu militante – Jorge Sampaio – ser eleito para a Presidência da República.

O PS manteve-se no governo sob a liderança de António Guterres até 1999 e, depois das eleições seguintes, até 2002, ano em que, em eleições antecipadas, foi sucedido pelo PSD. Guterres demitiu-se de secretário-geral do partido, tendo-lhe sucedido o camarada Eduardo Ferro Rodrigues.

Como após a demissão de Durão Barroso do governo coligado com o PP de Paulo Portas, a decisão presidencial não foi a de novas eleições, mas sim a de ser apresentado um sucessor do então primeiro-ministro (Pedro Santana Lopes do PSD), Ferro Rodrigues demiteu-se do cargo. Em Guimarães, José Sócrates é eleito o novo líder socialista.

Depois de uma grave crise económica e de falta de liderança no Executivo e no PSD, as eleições de 2005 dão vitória ao PS liderado por José Sócrates, com ampla maioria absoluta, sendo a primeira do PS desde o 25 de abril.

Sócrates volta a vencer as eleições legislativas de 2009, mas desta vez sem maioria absoluta. Quando o PEC IV é chumbado na Assembleia da República, o Governo de José Sócrates é forçado a demitir-se.

O retorno à oposição dá-se ao serem convocadas eleições legislativas em 5 de Junho de 2011, que acabaram por ser ganhas pelo PSD de Pedro Passos Coelho.

No plano interno, António José Seguro é eleito secretário-geral no XVIII Congresso do PS, em setembro de 2011, sendo recentemente reeleito, na XIX reunião magna socialista realizada em Santa Maria da Feira, em abril passado, com 96,36% dos votos. ■ M.R.

## ORGANIZAÇÕES ASSOCIADAS

O Partido Socialista em Portugal possui diversas organizações que cooperam em conjunto com o movimento, mas que apresentam uma estrutura própria, representando pela sua vez ao partido em vários organismos.

Dentre eles, encontra-se a Juventude Socialista, que é a organização que agrupa os membros mais jovens do partido. Existe igualmente o Departamento Nacional das Mulheres Socialistas, que funciona de maneira independente com representação dentro do PS.

De referir também a Associação Nacional dos Autarcas Socialistas (ANA-PS), que representa o partido em diversos órgãos do poder local.

Finalmente, os trabalhadores socialistas estão agrupados na Tendência Sindical Socialista, cuja influência no PS, na UGT e na na CGTP-IN é amplamente reconhecida.

Relativamente às organizações socialistas internacionais, o Partido Socialista é membro da Internacional Socialista desde sua fundação, organização internacional onde Mário Soares é um dos seus presidentes honorários.

Está também filiado no Partido Socialista Europeu e integra o Grupo Parlamentar da Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas no Parlamento Europeu.



## ANTECEDENTES

A primeira organização partidária do movimento socialista em Portugal foi criada, em 1875, por Azedo Gneco, Antero de Quental e José Fontana, entre outros, com a criação do Partido Socialista Português.

O golpe de 28 de maio de 1926 e a consequente ilegalização dos partidos políticos disferiu um golpe numa estrutura incapaz de se adaptar às condições da clandestinidade.

Daí para a frente ensaiam-se diversas outras tentativas de criação de organizações socialistas, sem, no entanto, se conseguirem afirmar no seio das correntes da oposição ao Estado Novo.

Ainda assim, em 1953, constituía-se a Resistência Republicana e Socialista (1955-1964), grupo de reflexão e intervenção política ao qual se seguiu a Ação Socialista Portuguesa (ASP), fundada em Genebra por Mário Soares, Manuel Tito de Morais e Francisco Ramos da Costa em novembro de 1964.

A ASP representou um novo esforço de estruturação do movimento socialista, social-democrata e trabalhista internacional, que não logrou estabelecer as bases de implantação a que aspirava.

Entre os momentos mais importantes da ASP estiveram a sua própria fundação e a discussão e aprovação da Declaração de Princípios e do Programa, bem como o comunicado conjunto de Tierno Galvan e Mário Soares (1964).

Destaque também para a carta de Mário Soares solicitando a admissão da ASP na Internacional Socialista (1971) que se veio a concretizar em 1972.



## PERFIL

**Fundação** 19 de abril de 1973

**Ideologia** Socialismo Democrático

**Líder** António José Seguro - secretário-geral

**Presidente** Maria de Belém Roseira - cargo honorário que preside aos congressos nacionais

**Sede** Palácio Praia - Largo do Rato n.º 2 / 1269-143 Lisboa

**Publicação** "Acção Socialista"

**Organizações** Juventude Socialista

**Membros (2013)** 88. 334

**Cores** Vermelho

**Site** www.ps.pt

**Símbolo**



## PROTAGONISTAS DA NOSSA HISTÓRIA

SECRETÁRIOS-GERAIS

**Mário Soares** 1973 - 1986

**Vítor Constâncio** 1986 - 1989

**Jorge Sampaio** 1989 - 1992

**António Guterres** 1992 - 2002

**Ferro Rodrigues** 2002 - 2004

**José Sócrates** 2004 - 2011

**António José Seguro**

2011 - presente

PRESIDENTES

**António Macedo** 1973-1986

**Manuel Tito de Morais**

1986-1989

**João Ferraz de Abreu**

1989-1992

**António de Almeida Santos**

1992-2011

**Maria de Belém Roseira**

2011 - presente

LÍDERES PARLAMENTARES

**Salgado Zenha**

**José Luís Nunes**

**Jorge Sampaio**

**Jorge Lacão**

**António José Seguro**

**António Costa**

**Alberto Martins**

**Francisco Assis**

**Maria de Belém Roseira**

(interina)

**Carlos Zorrinho**

ELEITOS PARA SERVIR

PORTUGAL

PRIMEIROS-MINISTROS

**Mário Soares** 1976 a 1978,

1983 a 1985

**António Guterres**

1995 a 2002

**José Sócrates**

2005 a 2011

PRESIDENTES DA REPÚBLICA

**Mário Soares** 1986 a 1996

**Jorge Sampaio** 1996 a 2006



JORGE FERREIRA

XIX CONGRESSO NACIONAL

# PS unido para dar novo rumo ao país

“É tempo de mudar” foi o lema do XIX Congresso Nacional do PS, onde ficou patente o clima de unidade em torno da liderança de António José Seguro. E os socialistas saem da reunião magna de Santa Maria da Feira, realizada de 26 a 28 de abril, mais fortes, coesos e preparados para enfrentar os desafios do futuro e dar um novo rumo para Portugal. **J. C. CASTELO BRANCO**

E isso ficou bem claro no discurso de encerramento do secretário-geral, que avançou com a realização de uma Convenção aberta a todos os progressistas e humanistas e ainda com um conjunto de propostas em torno de objetivos como um pacto para o crescimento e emprego, a renegociação do processo de ajustamento financeiro, a sustentabilidade do Estado Social e uma Europa federal e solidária. Na sua intervenção, Seguro disse que o “PS é a alternativa, a esperança que renasce de novo em Portugal”, sublinhando que deste Congresso “sai um novo rumo, com uma prioridade, o emprego”. E nesse sentido, frisou, “todas as nossas propostas convergem nessa prioridade – o emprego”.

## Travão à austeridade

Referindo que “é preciso pôr um travão à política de austeridade, aos cortes cegos a eito, ao empobrecimento, parar a espiral recessiva e mudar de direção”, o líder socialista apresentou várias propostas com o objectivo

central de criar emprego. Nesse sentido, Seguro afirmou que é possível injetar cerca de 12 mil milhões de euros na economia, propondo, entre outras medidas, a descida do rácio da banca em pelo menos um ponto percentual. Para além destas medidas, o secretário-geral do PS reafirmou que o Estado Português pode obter um financiamento de cerca de cinco mil milhões de euros junto do Banco Europeu de Investimentos (BEI). Por outro lado, o secretário-geral do PS indicou que cerca de três mil milhões de euros não foram utilizados pela banca no âmbito do empréstimo da troika. “São 12 mil milhões de euros que podem ser colocados ao serviço da economia e não nos venham dizer que não é possível. Não há magia, não há soluções fáceis, mas temos vontade política e propostas concretas”, defendeu. Na sua intervenção, o secretário-geral do PS propôs também que empresas viáveis mas com dívidas ao fisco, segurança so-

cial e à banca, tenham uma solução financeira, em que a parte do Estado transforma esses créditos em capital dessas próprias empresas.

No caso das dívidas perante os bancos, Seguro defendeu que, através de uma operação conjunta, essas empresas possam

**96%**

*Percentagem de votos que reelegeu o secretário-geral, António José Seguro*

**74,85%**

*Percentagem de votos que elegeu Isabel Coutinho presidente das Mulheres Socialistas*

aceder a capital de risco. “isso pode resolver o problema de milhares de empresas em Portugal e preservar muitos empregos”, salientou.

Seguro propôs também que o financiamento da Segurança Social se estenda às mais-valias. “Há hoje empresas com 200 trabalhadores e com um volume de negócios de cinco milhões de euros, mas há empresas com cinco ou dez trabalhadores que têm um volume de negócios de 100 ou 200 milhões de euros. Por isso, é altura de encontrarmos novas soluções para o financiamento da Segurança Social”, disse.

Outra das propostas avançadas pelo líder socialista são a criação de um fundo de redenção para a dívida portuguesa na União Europeia. “Portugal poderia receber 6 mil milhões de euros para abater à dívida pública”, disse, reiterando um papel mais ativo do banco Central Europeu (BCE).

Ainda no plano económico, Seguro defendeu a criação de um banco de fomento e um tratamento fiscal favorável para os lu-

ros reinvestidos nas empresas que criem postos de trabalho.

## Aumento do salário mínimo

Já no plano social, mas com implicações na dinamização da economia, Seguro voltou a defender, conforme consta da sua moção de estratégia, o aumento do salário mínimo nacional e das pensões mais baixas.

Na sua intervenção o líder do PS anunciou que o PS vai promover uma “Convenção aberta a todos os humanistas e progressistas para dar um novo rumo a Portugal” e destinada a preparar o programa eleitoral que os socialistas vão apresentar nas próximas eleições legislativas.

Seguro afirmou ainda que pedirá uma maioria absoluta nas próximas eleições legislativas. “Vamos pedir com clareza aos portugueses uma maioria absoluta para governar, uma maioria absoluta não para nós mas para Portugal”, disse, acrescentando que os tempos no país vão continuar difíceis e, por isso, o rigor e a contenção orçamental continuarão.



JORGE FERREIRA

# Emprego será a prioridade de um Governo socialista

O “novo rumo” que o PS pretende para o país “tem uma prioridade: o emprego”, sublinhou António José Seguro, no discurso de abertura do XIX Congresso, onde defendeu a celebração de um “pacto para o emprego” até 2020.



JORGE FERREIRA

“uma reforma fiscal amiga da recapitalização das empresas e da criação de emprego”.

## Austeridade fria e desumana

Na sua intervenção, não poupou também na denúncia dos males que a política de “austeridade sem limites” que o atual Governo tem feito ao país e aos portugueses sem quaisquer resultados.

“Há sinais de pobreza devastadores. Meio milhão de crianças corre risco de pobreza. Há idosos sem dinheiro para medicamentos. Há portugueses a viver uma pobreza envergonhada. Este é o resultado de uma austeridade fria e desumana”, afirmou António José Seguro. E acrescentou: “O Governo merece ser substituído”.

O líder dos socialistas considerou que Portugal vive “uma tragédia social” em resultado de “uma austeridade sem limites”, lembrando que o PS avisou repetidamente o Governo e em devido tempo para as consequências. “Ignoraram, desvalorizaram e agora correm atrás das nossas propostas. Esta é uma reviravolta colossal”, disse. ■ J. C. CASTELO BRANCO

Referindo que “o emprego é um elemento constitutivo da integridade humana” e que “garante um desenvolvimento económico sustentável”, o secretário-geral do PS reiterou que “o emprego estará no coração das políticas e ação” de um Governo socialistas.

E lembrou que “más políticas destroem emprego. Boas práticas protegem e criam emprego”. No seu discurso de abertura do Congresso, em Santa Maria da Feira, muito virado para os pro-

blemas do país e os anseios dos portugueses, Seguro disse que um Governo socialista adotará “um novo rumo” assente em três pilares: “Um novo desenvolvimento; uma nova Europa e um novo compromisso com o contrato social”.

E sublinhou que “o novo rumo tem uma prioridade: emprego, emprego, emprego”.

Quanto ao pacto para o emprego que anunciou, referiu que deverá unir todas as forças políticas e todos os parceiros so-

ciais, concretizando “um novo acordo de concertação social de médio prazo em torno de políticas orientadas para o emprego e de medidas de combate à precariedade e à pobreza”.

“Um pacto que mobilize os portugueses em torno de dois objetivos para 2020: aumentar a taxa de emprego nacional para mais de 70% (da população ativa 20-64 anos) e reduzir o desemprego jovem para metade”, disse.

Seguro defendeu uma “aposta

forte na economia do conhecimento, tecnológica e verde”, salientando que “este é o caminho para ganhar eficiência, para reduzir as nossas dependências externas e para fortalecer a presença internacional das nossas empresas”.

O líder do PS disse ainda que “novo compromisso” que defende tem por objetivo “uma política fiscal mais equitativa, progressiva, transparente e inovadora. Um combate sem tréguas à fraude e à evasão fiscal” e

## PROPOSTAS PARA VIRAR A PÁGINA

**No Congresso de Santa Maria da Feira, António José Seguro apresentou as linhas-mestras do novo rumo que pretende para o país virar a página.**

**E que assentam num novo desenvolvimento que aposte no valor acrescentado dos seus produtos e serviços e qualificação das pessoas; num novo compromisso para o Estado Social, que não é um custo, mas uma alavanca para o desenvolvimento do país; e numa nova Europa em que a União Económica e Monetária seja verdadeiramente completada.**

**Eis as propostas do PS par um novo rumo:**

### NOVO DESENVOLVIMENTO

Se quiser ter futuro na zona euro, Portugal tem que virar a página. De uma vez por todas, a competitividade do nosso país não pode estar baseada em baixos salários mas sim no valor acrescentado dos seus produtos e serviços e qualificação das pessoas.

1. Tratamento fiscal favorável para lucros reinvestidos em empresas com criação líquida de emprego
2. Tratamento Fiscal favorável para os suprimentos dos sócios

3. Criação de um Banco de Fomento para aproveitamento de fundos estruturais e fundo do BEI

4. Fundo de Capitalização de PME (com o remanescente o resgate para a capitalização da banca)

Assim, entre meios disponíveis para injetar na economia através da descida do rácio da banca (4,5), financiamento pelo Banco Europeu de Investimento (5) e linha de capitalização aproveitando do dinheiro da troika para os bancos (3), há 12,5 mil milhões de euros que poderiam ser injectados na economia.

### NOVO COMPROMISSO COM CONTRATO SOCIAL

O Estado Social não é apenas um custo, é um investimento e uma alavanca para o desenvolvimento do país.

1. Separação das águas entre público e privado. Desde logo na saúde. Prevenir conflitos de interesse para maior equidade no acesso e aumento de eficiência dos meios instalados nos serviços públicos. O PS não tolera listas de espera para operações ou listas de espera 1 ano para exames nos hospitais pú-

blicos. Por isso o PS propõe a separação de águas em que os médicos do público têm que estar nos hospitais públicos, ao serviço do SNS.

2. Proximidade dos serviços de Saúde. Em vez dos cortes cegos deste Governo, o que é necessário é que se articulem os Centros de Saúde, os Hospitais e os Cuidados Continuados. Por exemplo, não faz muito mais sentido que algumas consultas de especialidade, como, por exemplo, Pediatria e Cardiologia, sejam feitas nos centros de saúde, deslocando um médico do hospital, em vez de fazer deslocar dezenas de pessoas a esse mesmo hospital?

3. Financiamento da Segurança Social: aprofundar e estudar. Para garantir a sustentabilidade, o país tem que promover amplo debate que explore novas soluções. Por exemplo, as contribuições sociais não têm que ser apenas definidas pela massa salarial mas podem levar em consideração o valor acrescentado global. Este é um dos debates que tem que ser plenamente integrado com vista ao novo acordo de concertação social de médio prazo.

### NOVA EUROPA

A crise da zona euro só pode ter solução se a União Económica e Monetária for verdadeiramente completada. Não há nenhuma união monetária no mundo que possa sobreviver se não for combinada com uma verdadeira união económica, social, bancária, orçamental e política. Há medidas que já estão em discussão e na qual Portugal tem que estar activo na sua definição final:

1. Fundo de redenção para mutualização de parte da dívida pública europeia.
2. Perspetivas Financeiras 2014-2020, redireccionando para políticas de convergência.
3. Papel mais activo do BCE.
4. Participar na construção e utilizar o Mecanismo de Solidariedade para o Crescimento e Emprego, como instrumento para a convergência na zona euro.
5. Utilizar de forma muito mais activa todos os instrumentos disponíveis na UE, nomeadamente QREN, BEI e os mecanismos de gestão de dívida.



MARIA DE BELÉM

## Crise não suspendeu a Constituição



“A crise não suspendeu a Constituição nem os tratados europeus”, defendeu a presidente do PS, Maria de Belém, na abertura da reunião magna de Santa Maria da Feira, onde considerou que a política do atual Governo de “empobrecimento” tem como objetivo “destruir a proteção social”. Para Maria de Belém, “é preciso mudar”, mas alerta que o atual Governo “não pretende fazê-lo porque sempre encarou a crise e o acentuar do seu dramatismo como uma oportunidade para tentar fazer aceitar socialmente o que em condições diferentes nunca seria suportável. A presidente do PS afirmou ainda que o Governo de Passos Coelho “não se assume como representante dos portugueses junto dos credores, mas antes como representante dos credores junto dos portugueses”. Maria de Belém manifestou-se igualmente contra o rumo seguido pela União Europeia. “A Europa optou por austeridade em marcha forçada, acompanhada pelo aumento galopante de desemprego, estando assim a enfraquecer-se e enfraquecer a sua posição no mundo”, disse.

ANTÓNIO COSTA

## Juntos somos imbatíveis



“Juntos, somos fortes, juntos somos imbatíveis”, afirmou António Costa, na parte final da sua intervenção, onde defendeu que “construir a alternativa é a nossa responsabilidade perante os portugueses, transformando a sua ansiedade em esperança”. Numa intervenção marcada por fortes críticas à estratégia do Governo de “empobrecimento do país”, numa “espiral recessiva e destrutiva das empresas e empregos”, António Costa defendeu que a Constituição da República “é a base sobre a qual construímos o futuro dos portugueses”. “A nossa alternativa firma-se numa base sólida, uma opção firme. É na Europa que temos futuro” e ainda na “convicção firme que o futuro de Portugal não passa pelo empobrecimento”. António Costa defendeu “a urgência de se renegociar o memorando com a troika”, acusando o Governo de ter “ajoelhado perante a banca” e ter ido para além do programa de ajustamento, “acrescentando austeridade à economia”, o que “teve um efeito devastador”. “Há mais Europa para além da troika e mais Alemanha para além da sra. Merkel”, disse.

FRANCISCO ASSIS

## Esquerda contra o medo e fatalismo

“Temos de afirmar por essa Europa e em Portugal que a luta da esquerda é a luta da confiança e esperança con-



tra o medo e todos os tipos de fatalismo”, afirmou Francisco Assis na sua intervenção no XIX Congresso, onde alertou que “o medo serve os propósitos daqueles que querem pôr em causa verdadeiros avanços civilizacionais obtidos nas últimas décadas”.

O antigo líder parlamentar do PS reafirmou que nós, socialistas, “não nos resignamos à ideia de um país periférico, de um país condenado a viver com profundas desigualdades”. E acrescentou: “Somos por um país diferente. O PS tem de ser um partido de proposta, de desenvolvimento para todos”.

O PS, continuou, “é um partido do diálogo político e social, um partido que avança, um partido do movimento, da transformação, um partido capaz de pôr ao seu lado os sectores mais dinâmicos da nossa sociedade”.

A terminar a sua intervenção, Francisco Assis, que no último congresso disputou a liderança com António José Seguro, reafirmou que irá “estar na primeira linha do PS”, relembrando o clima de unidade que hoje se vive no partido, no respeito pela diferença de opiniões que às vezes acontece, num partido de homens livres.

MARTIN SCHULZ

## Mudar de direção na Europa



O presidente do Parlamento Europeu, o socialista Martin Schulz, defendeu que a Europa precisa de mudar de direção, recuperando valores como a solidariedade entre Estados, a aposta na coesão social e na criação de emprego.

“Eu sou contra uma Europa dividida entre o sul e o norte, Portugal tem o mesmo valor que todos os outros países desta União”, afirmou o ex-presidente do Partido Socialista Europeu e membro do Partido Social-Democrata alemão na abertura do segundo dia do XIX Congresso do PS.

“A União Europeia foi sempre um sonho de tornar eterna a democracia, no nosso país, como no vosso país, e a democracia tem de ser defendida, temos de lutar por mais justiça, por mais emprego para os nossos jovens”, disse.

Martin Schulz afirmou que a “política unilateral de redução da dívida pública está esgotada” e que é preciso “mudar de direção na Europa”, nomeadamente através de medidas como a taxação das transações financeiras ou o encerramento dos paraísos fiscais.

E considerou “inaceitável” que 50% dos jovens na Europa não tenham emprego. “Isso destrói a sociedade”. Schulz defendeu ainda que os responsáveis europeus devem lutar por recuperar “a ideia de Europa”, em que “os Estados e as nações trabalham para lá das suas fronteiras, juntos em instituições comuns” para “enfrentar melhor os desafios do século XXI”.

Na sua intervenção, o presidente do PE sublinhou ainda que o seu país, a Alemanha, partilha do valor da solidariedade entre Estados e que “há muito que os alemães o dizem”, citando o escritor alemão Thomas Mann.

ALFREDO RUBALCABA

## Dizer basta a esta austeridade suicida



Convidado internacional do primeiro dia dos trabalhos do Congresso, o secretário-geral do PSOE, Alfredo Rubalcaba, pôs em evidência “as raízes muito profundas” e as fortes convicções como a igualdade e a justiça social que unem os socialistas portugueses e espanhóis. E sublinhou que “agora sofremos juntos uma direita, a portuguesa e a espanhola, que está a aproveitar a crise em que vivem os nossos países para ajustar contas com o Estado Social, que nunca quiseram”.

Manifestado todo o apoio às teses defendidas por António José Seguro, nomeadamente é preciso dizer “basta” a esta “política de austeridade suicida”, Rubalcaba defendeu que “Portugal tem direito a renegociar os seus contratos, as condições dos empréstimos”.

“O pior desta política é que sofrem os trabalhadores para nada. É uma austeridade que não nos está a ajudar a sair da crise”, disse.

“Os socialistas portugueses e espanhóis têm de dizer que esta política não é a Europa, é a política de Merkel”, afirmou, reiterando que “há outra Europa em que merecemos viver, uma Europa Social”.

FELIPE GONZÁLEZ

## É preciso mudar a política nacional e europeia



Felipe González também esteve presente no Congresso do PS através de uma mensagem-vídeo onde defendeu que “é preciso mudar a política dos nossos dois países e a política europeia”, salientando que só o socialismo democrático está em condições de ser um fator de esperança e de mudança.

“Não podemos continuar a alimentar a crise”, disse o antigo primeiro-ministro espanhol, defendendo que “quatro, cinco anos de erros consecutivos têm de ser corrigidos para que se saia desta situação”.

Para isso, frisou, “há que mudar a política nacional e a europeia, as duas, trabalhando aqui e na Europa, e a única esperança de mudança é que a social-democracia possa fazer mais”.

Nesse sentido, defendeu que “o socialismo democrático tem de dar uma resposta, não um discurso ideológico, mas uma resposta para o desemprego, uma resposta de subsistência do sistema de saúde, de manutenção do sistema de educação”.

Para o antigo líder do PSOE e um dos “pais” da transição democrática em Espanha, “este drama social que estamos a viver pressupõe um fracasso económico e só nós, socialistas, é que podemos dar essa resposta”.

■ J. C. CASTELO BRANCO



# “Governo não tem políticas de promoção da igualdade de género”

Eleita nas diretas para a liderança do Departamento Nacional das Mulheres Socialistas (DNMS), Isabel Coutinho não tem a igualdade de género, alcançada com o cunho dos anteriores governos do PS, tem sido remetida, pelo atual Executivo, para o nível dos direitos das mulheres.

Acusa ainda o PSD e o CDS de estarem a conduzir o país, também a nível social, económico e financeiro, para um buraco sem

## Qual a principal prioridade do mandato que agora inicia à frente das mulheres socialistas?

Na moção de candidatura que apresentei - “Tod@s Diferentes Somos Iguais” - abordei as principais prioridades de um projeto coletivo, que abrangia áreas diversas no que respeita à afirmação da mulher nos contextos político e cívico, mas que, também, não esquecia a questão mais abrangente da desigualdade e da injustiça social que atingem de forma severa os grupos socialmente mais vulneráveis. Poderia afirmar de uma forma mais genérica que o enfoque do trabalho que proponho concretizar estará nos grupos minoritários (não em número mas no que se refere aos direitos). A prioridade será sempre trabalhar com e para as

personas na afirmação dos direitos fundamentais e de uma sociedade mais igualitária.

## Como pensa dinamizar o departamento, nomeadamente envolvendo em ações exteriores as simpatizantes?

Este é um projeto de todas, é antes de mais uma causa e uma missão que recusará dar protagonismo aos seus atores, porque as atenções estarão voltadas para as mudanças que conseguirmos produzir. O meu papel neste processo será o de promover a articulação entre as pessoas envolvidas e dinamizar canais de comunicação entre as militantes, simpatizantes e sociedade civil, utilizando diferentes recursos de comunicação e estratégias. A título de exemplo, iremos abrir mensalmente a sede nacional e

as sedes federativas, no sentido de recolher contributos, e de procurar dar respostas a solicitações e pedidos de encaminhamento.

## Qual o principal problema com que se defrontam, na sua opinião, as mulheres portuguesas?

Sabemos que nos últimos anos foram conseguidos progressos notáveis na promoção da igualdade de género. Contudo, os obstáculos a uma igualdade real e efetiva continuam infelizmente a existir, tendo-se agravado no atual contexto de crise que Portugal e a Europa vivem. Não podemos esquecer que muitos dos grandes progressos e marcos civilizacionais foram alcançados com o cunho do Partido Socialista, porque neste partido a prioridade de ação está voltada para o ser

humano na sua essência. Contudo, a atual governação do país segue linhas bastante distintas, este contexto político com as suas medidas de austeridade dura e inconsequente é propício a retrocessos conservadores que remetem a mulher para os papéis que lhe eram tradicionalmente atribuídos, com consequentes perdas dramáticas ao nível dos direitos.

## Como classifica a política do atual Governo em relação à promoção da igualdade de género?

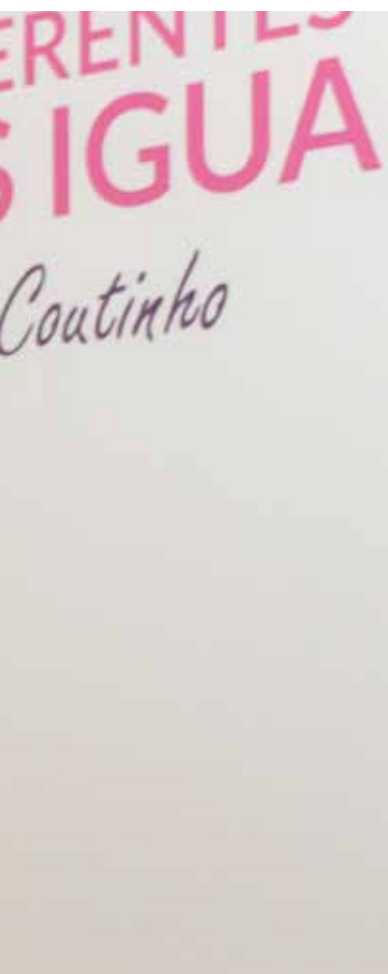
Na minha opinião este Governo não tem uma política de promoção da igualdade de género, o que não surpreende já que esta política neoliberal não é vocacionada para as pessoas. Uma grande parte da intervenção estruturada e

implementada pelo anterior Governo neste domínio foi completamente esquecida, muitos projetos de intervenção social viram o seu financiamento terminado, para além de que as instituições de solidariedade social atravessam momentos difíceis, fruto dos cortes no financiamento.

## Qual é a principal discriminação de que as mulheres são alvo?

Qualquer forma de discriminação é preocupante e tem de imediato o nosso cartão vermelho. Por isso, qualquer ato discriminatório deve merecer da nossa parte, mulheres e homens, uma atenção focalizada e uma atitude consistente.

Os estudos dizem-nos que Portugal é o país onde a violência contra as mulheres provoca a maior



*Eleita pela lista A, sob o lema “Todas Diferentes Somos Iguais”, Isabel Coutinho obteve 74,85 dos votos para o Departamento Nacional das Mulheres Socialista, enquanto a lista B, “Novas Ideias em Ação”, liderada por Graça Fonseca, recolheu 25,15% dos votos*



## de gênero”

dúvidas que a promoção  
para perdas dramáticas ao

em fundo. RUI SOLANO DE ALMEIDA

preocupação em toda a Europa. A discriminação salarial entre homens e mulheres continua a ser o maior problema de igualdade de género no contexto europeu, seguindo-se a violência contra as mulheres e as dificuldades de conciliação entre a vida profissional e a familiar, bem como a dificuldade de acesso ao topo e aos centros de decisão.

### **A violência doméstica é um fenómeno socialmente localizável?**

A violência doméstica configura uma grave violação dos direitos humanos, tal como é definida na Declaração e Plataforma de Ação de Pequim, da ONU, em 1995, onde se considera que a violência contra as mulheres é um obstáculo à concretização dos objetivos de igualdade, desenvolvimento e

paz, e viola, dificulta ou anula o gozo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais. Trata-se de um fenómeno que é, antes de mais, transversal à nossa sociedade, atinge todos os grupos e pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. Em relação a este assunto a tolerância deve ser zero. É necessário prevenir, proteger e acabar com a impunidade. Apesar da visibilidade que a violência doméstica vai adquirindo em Portugal, ainda se trata de um fenómeno dotado de uma grande opacidade. E, assim, irá permanecer se não se promoverem estratégias diversificadas e adequadas de abordagem e intervenção.

### **Há mais mulheres licenciadas do que homens. Porque é que isto não se traduz em mais mulheres nas lideranças políticas e nas empresas?**

Decorridas quase quatro décadas sobre a revolução que quis unir todas as portuguesas e portugueses em torno de uma sociedade democrática e igualitária, a discriminação das mulheres continua a marcar variados domínios da vida laboral, política e social.

Na quase totalidade dos setores de atividade as mulheres continuam a ganhar salários inferiores aos homens, mesmo desempenhando as mesmas funções profissionais ou sendo mais qualificadas e o acesso aos lugares de topo ainda lhes é vedado.

De facto há muitas razões para estas realidades, mas irei destacar duas que considero importantes. Por um lado, a conciliação entre a vida familiar e profissional que condiciona o acesso às mulheres e, por outro, o “machismo subtil” de quem está nos centros de decisão.

### **É possível atingir com este Governo de direita o objetivo de salário igual para trabalho igual?**

Para a coligação que está no poder esta não é uma questão prioritária. Este não é um assunto relevante para a agenda política. A prioridade é outra, este desgoberno está obstinado em implementar medidas de austeridade, medidas essas que vão muito além do que estava previsto no memorando da troika, mesmo sabendo que a receita e a dose falharam em larga medida. E, desta forma, as pessoas são esquecidas e caminhamos para uma rutura social, mesmo com os constantes avisos do Partido Socialistas.

É curioso que para além das medidas puramente assistencialistas, da “sopa dos pobres”, que não podem ser confundidas com intervenção social estruturada, a única iniciativa deste Governo no que respeita ao domínio social refere-se à inauguração de equipamentos, financiados pelo Programa PARES, criado pelo Governo socialista. É importante salien-

## **“A DISCRIMINAÇÃO SALARIAL ENTRE HOMENS E MULHERES CONTINUA A SER O MAIOR PROBLEMA DE IGUALDADE DE GÉNERO”**

tar que todas as respostas criadas foram aprovadas pelo anterior Governo.

### **Justifica-se, em sua opinião, um departamento no PS especificamente vocacionado para tratar da problemática da mulher?**

Essa é uma questão fundamental que ainda divide as pessoas e algumas mulheres socialistas. Na minha opinião, ainda se pode justificar porque no atual contexto político e da participação cívica, mulheres e homens não têm os mesmos direitos, não são colocados em situação de igualdade perante as mesmas situações. O desafio que se coloca ao próprio departamento é o de tentar desenvolver uma ação consistente que permita caminhar no sentido da sua própria extinção.

### **Como avalia, do ponto de vista económico e social, o trabalho deste Governo?**

A crise financeira despertada por um endeusamento dos princípios do mercado conduziu-nos a um contexto europeu e mundial preocupante. Não podemos esquecer que na génese da atual crise financeira e económica in-

ternacional encontra-se a violação de princípios éticos no mundo dos negócios, assim como a avidez do lucro fácil, a que se juntaram deficiências na regulação e supervisão dos mercados e das instituições financeiras. Os custos sociais traduzem-se hoje em perda de poupanças amealhadas com grande esforço, na destruição de empregos, na emergência de novos pobres e na senescência generalizada de injustiça social. Estas injustiças sociais associadas à falta de ética conduzem, inevitavelmente, a uma falta de confiança nas instituições e a efeitos nefastos para o futuro do nosso país.

### **Então porque é que o Governo insiste nesta política?**

É uma questão que também coloco. Depois de tantos esforços perguntamos com todo o direito: “Será este o caminho certo?”. E fica a dúvida: “Porque é que o Governo persiste numa receita que falhou em toda a medida?” Acredito que o esforço e o empenho dos portugueses são fundamentais, aliados ao rigor orçamental, mas também acredito que deve ser feita uma aposta consistente no crescimento económico e no emprego. ■

# Mudar de Governo é urgente

Na reta final do périplo “As Pessoas Estão Primeiro”, que realizou durante um mês de norte a sul de Portugal, António José Seguro continuou a ouvir e constatar no terreno os dramas, preocupações e ansiedades de famílias e empresários, trabalhadores e pensionistas, apresentando propostas de esperança, concluindo que o país vive uma tragédia social e que precisa de mudar porque “este Governo não tem condições para continuar”. **MARY RODRIGUES**



JORGE FERREIRA

No dia 10 de abril António José Seguro avisou que é preciso que Portugal mantenha apoios e acarinhe investimentos estrangeiros como o da Lundin Mining na mina de Neves-Corvo.

Recorde-se que estas minas representam mais de dois mil trabalhadores em termos de postos de trabalho diretos e um investimento previsto para os próximos cinco anos entre 300 a 700 milhões de euros. “É este investimento que nós precisamos de acarinhar, porque é estruturante para esta região e dá um contributo enorme à economia do nosso país”, disse o líder socialista depois de visitar o complexo mineiro da Somincor, no concelho de Castro Verde.

Nesta linha de raciocínio, Seguro defendeu, por um lado, a existência de “um quadro estável do ponto de vista fiscal, para que os investidores saibam com o que contam”.

“E em segundo lugar é necessário que o Estado não atrapalhe, isto é, que possa ter na Administração Pública pessoas que resolvam os problemas deste

investimento, bem como do investimento português. Falo da necessidade de ser criada a figura do gestor dedicado, para que em determinados níveis de investimento possa haver uma pessoa responsável no Estado que resolva todos os problemas nos diferentes departamentos do Estado”, acrescentou.

De seguida, deixou claro ao Executivo de direita que diálogo não é sinónimo de cumplicidade: “Não nos peçam o alto patrocínio para uma política de austeridade da qual discordamos. Se é para terem o nosso alto patrocínio e sermos cúmplices não”, disse, lembrando que o PS “defende uma estratégia diferente”, quer que Portugal honre “todos os compromissos” e “continue na zona euro”.

Dias antes, o secretário-geral do PS tinha insistido já na necessidade de mudar de governo.

Durante a visita que realizou ao porto de pesca da Póvoa de Varzim, por ocasião da apresentação pública da candidatura de Elvira Ferreira à Câmara Municipal, Seguro falou com os pescadores sobre o proble-

ma do desassoreamento e da Paragem Biológica, comprometendo-se a ajudá-los ainda antes de ser governo com o Partido Socialista.

## Incentivos fiscais para PME

Já em São Brás de Alportel (Faro), o líder do PS considerou essencial criar incentivos fiscais para as PME para ajudar país a ultrapassar a crise.

Seguro esteve na empresa Novacortixa, empresa de São Brás de Alportel que exporta grande parte da sua produção e fatura 4,5 milhões de euros por ano, e ouviu atentamente as explicações dos responsáveis sobre a laboração da fábrica, onde trabalham cerca de meia centena de pessoas e cuja principal produção são os discos de cortiça utilizados nas rolhas de champanhe.

Na ocasião, António José Seguro frisou que tem “insistido muito na necessidade de apoiar as empresas”, porque o principal problema do país “é o desemprego” e “quem cria e preserva emprego são as empresas”.

E voltou a dar como exemplos

de medidas a adotar a contratação com o Banco Europeu de Investimento (BEI) de uma linha de crédito de cinco mil milhões de euros para a recapitalização das PME, objetivo que também poderia ser conseguido com a disponibilização de parte da verba de 12 mil milhões de euros prevista no plano de ajustamento financeiro para a recapitalização dos bancos.

## Apostar na reabilitação urbana

Ao visitar a Central Hidroelétrica do Alqueva, em Portel (Évora), o secretário-geral socialista defendeu a implementação de um programa de reabilitação urbana no país, com a eficiência energética como prioridade, para estimular a economia e reduzir as importações nessa área. “Esse programa de reabilitação urbana deve ter uma prioridade a eficiência energética” porque tal contribuiria para “a criação de postos de trabalho, a criação de emprego, o dinamismo da nossa economia”, mas também para “reduzir as importações”.

Segundo Seguro, que reu-

niu também com o presidente do Conselho de Administração Executivo da EDP, António Mexia, o Alqueva é exemplo do tipo de projetos de que o país precisa.

Na sua última deslocação de março, Seguro reuniu com mais de duas dezenas de personalidades da vida cultural do Porto e do país.

No debate com os agentes culturais foram abordadas diversas questões como a necessidade de ter políticas e linhas culturais bem definidas, ensino artístico profissional, formação nas escolas para as artes, cultura como agente criador de emprego.

A lei do mecenato e o seu acesso, excessivo centralismo e burocracias do Estado que impedem a criação artística, financiamento público nas artes, fundos comunitários e a autonomia artística dos museus e teatros nacionais e descentralização das artes, foram outras das matérias abordadas no debate, no qual foi unânime a ideia de ter uma política cultural estável, independentemente das legislaturas. ■



XI CONGRESSO DA CORRENTE SINDICAL SOCIALISTA DA CGTP

# Um novo impulso sindical na luta contra a direita

“Pelo Estado Social, combater a direita” foi o lema do XI Congresso da Corrente Sindical Socialista da CGTP, nos dias 18 e 19 de Maio, em Lisboa, que contou com a presença na sessão de encerramento do dirigente socialista Miguel Laranjeiro. **J. C. CASTELO BRANCO**

Na sua intervenção, o secretário nacional do PS para a Organização, Miguel Laranjeiro, afirmou que o atual Governo tem como uma das suas prioridades “o ataque ideológico contra o factor trabalho, contra o sindicalismo, contra os direitos dos trabalhadores”, enquanto o PS considera que “o movimento sindical é fundamental e estará sempre a favor do mundo do trabalho e ao lado dos que lutam contra a política de medo imposta pela direita no poder”.

Na sua intervenção, o dirigente socialista mostrou-se indignado com o facto de o Governo estar isolado na recusa de aumento do salário mínimo nacional. “Como é possível que todos os parceiros sociais estejam de acordo quanto à necessidade de acordo para aumentar o salário mínimo e só o Governo de direita esteja contra esta proposta?”, perguntou.

Miguel Laranjeiro recordou que

“esta política de austeridade” está a ter os resultados que o PS vem avisando desde há dois anos, com uma “crise social e económica gravíssima”, defendendo que é preciso “uma nova política que aposte no crescimento e no emprego”.

## **Direita unida contra os trabalhadores**

Antes, o reelito secretário-geral da Corrente Sindical Socialista da CGTP, Carlos Trindade, começou por afirmar que o Congresso decorreu “num momento muito especial”, já que, frisou, “temos um Governo e um Presidente de direita em total harmonia e na Europa há uma maioria de governos de direita. Todos com uma estratégia de fazer recuar os direitos dos trabalhadores e de ataque ao Estado Social”.

Neste cenário de ataque ao Estado Social pela direita neoliberal portuguesa e europeia, o líder da Corrente defendeu

que “é preciso muita luta social, política e sindical de todos os que estão contra as políticas que levam a mais exploração e empobrecimento”.

Carlos Trindade disse ainda que a “luta que travamos tem três dimensões: dentro da CGTP pela autonomia sindical, contra o sectarismo; na tendência sindical socialista, para que o movimento sindical tenha uma palavra cada vez mais importante; e no plano nacional em defesa do Estado Social, contra a direita”. E tudo isto, sublinhou, tendo como horizonte “um país com mais bem-estar e justiça social”.

## **Unidade sindical**

Na sessão de encerramento, interveio ainda o líder da Tendência Sindical Socialista e da UGT, Carlos Silva, que fez um discurso empolgante de ataque à “política de tragédia” do atual Governo num país “dominado pelo capitalismo selvagem” e apelou à unidade na ação das duas

centrais sindicais.

“Não concebo que as duas centrais estejam há dois anos de costas voltadas. É preciso que as duas centrais se entendam procurando a unidade e convergência. Temos de nos entender para arranjar formas de responder a esta tragédia social”, disse. “Eu não me conformo com o discurso do empobrecimento, da miséria e da desigualdade”, afirmou, acrescentando que estamos perante um Governo que “passou para além da dignidade e da democracia”.

Carlos Silva afirmou ainda que “temos de dizer não curto e grosso” à intenção de Executivo de direita de eliminar 30 mil postos de trabalho na Administração Pública.

Reinhard Naumann, da Fundação Friedrich Ebert, considerou “um grande feito” o trabalho desenvolvido nos últimos 15 anos pelos sindicalistas socialistas da central da Vítor Cordon. “A corrente cresceu e con-

quistou o respeito dentro do PS e na CGTP”, disse.

E defendeu que “os socialistas na CGTP têm de se organizar ainda melhor para dar resposta à tentativa de instrumentalização da central pelo PCP”.

## **Combater a cegueira neoliberal**

Já o secretário-geral da JS, João Torres, defendeu que “valorizar o sindicalismo é mais atual do que nunca, é evocar os avanços civilizacionais no que respeita aos direitos dos trabalhadores”.

E considerou que numa altura em que “a direita destrói os tecidos económicos e sociais e promove a perda contínua de direitos laborais, urge unir esforços para combater esta cegueira neoliberal”.

João Torres disse ainda que podem contar com a JS para “os desafios do futuro. Juntos, conseguiremos rasgar novos horizontes para Portugal”.

# A Nova Ordem Internacional e a Crise Europeia

A Fundação Mário Soares, em Lisboa, foi palco, no passado dia 17 de abril, da sessão de lançamento do ensaio “A nova ordem internacional e a crise europeia – O neoliberalismo pode ser um totalitarismo?”, do juiz conselheiro José Maria Rodrigues da Silva.

Ao longo de 170 páginas, o autor questiona-se sobre as verdadeiras causas da crise que vivemos, inquirindo se esta se deve à ordem interna ou à internacional.

Se acreditarmos no discurso político partidário mediático, refere, “deve-se à ordem interna”. Critica Rodrigues da Silva que “a dialética da crise parece esgotar-se no combate ao défice. Na glorificação ou maldição da austeridade, no pinguepongue da culpa – a culpa foi de Sócrates versus a culpa é de Passos Coelho – e na inculpação dos portugueses que terão vivido acima das suas possibilidades”.

Mas, pergunta: “A culpa não será também dos mercados financeiros, que abusaram da sua condição de financiadores exclusivos dos estados exigindo-lhes juros elevadíssimos?”

E lembra que há décadas os Estados se financiavam junto dos seus bancos centrais e não junto dos mercados financeiros onde predominam os fundos soberanos dos Estados exportadores de petróleo.

Então, volta a questionar: Porquê a mutação?

Segundo o juiz conselheiro, os mercados financeiros são os principais atores da nova ordem internacional, na economia global neoliberal, que tem tudo para ser um totalitarismo dos “donos do mundo”.

Foi para chamar atenção do leitor para a estreita relação que os liga que deu a este ensaio o título de “A Nova Ordem Internacional e a Crise Europeia”, vincando a ideia segundo a qual

o neoliberalismo global não foi criado para os pequenos Estados que, para se defenderem, aderiram a organizações regionais, criadas para serem uma resposta à globalização.

“Infelizmente, a União Europeia, dominada pela Alemanha de Merkel, adota políticas monetaristas que visam a redução radical do défice e exige aos Estados em dificuldades orçamentos de grande austeridade que levam ao agravamento da dívida e à destruição da economia”. Neste livro-ensaio José Maria Rodrigues da Silva aponta o que fazer: no plano da globalização, regular os mercados; no plano comunitário, lutar pela adoção de outras políticas; em geral, criar um projeto de futuro que dê sentido aos sacrifícios pedidos.

“E se for necessário sair do euro? Paciência, saímos embora a contragosto!”

Imperdível! ■ M.R.



## UM LIVRO POR SEMANA

SUGESTÕES DE ISABEL COUTINHO



### A Incrível e Triste História de Cândida Eréndira e da sua Desalmada Avó

Gabriel García Márquez

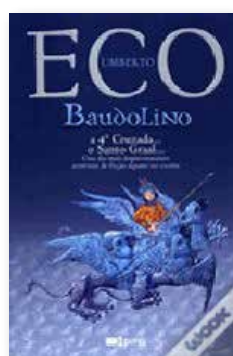
Bem ao estilo de Gabriel García Márquez, este livro reúne sete histórias mágicas que refletem a cultura sul-americana. As primeiras, um conjunto de seis contos fantásticos onde se misturam acontecimentos surreais e detalhes do quotidiano, contam-nos as alterações sofridas por pequenas e pobres povoações após estranhos acontecimentos que mudam a vida de todos os habitantes. A última, a novela curta que dá título ao livro, conta a história de Eréndira, uma adolescente obrigada a prostituir-se pela própria avó para a recompensar das perdas decorrentes de um incêndio acidental - um bizarro mas poderoso exemplo do realismo mágico de “Gabo”.



### O que Resta da Esquerda

Nick Cohen

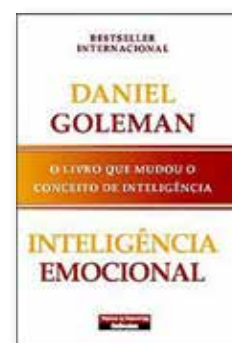
Do acutilante jornalista Nick Cohen, esta obra é uma poderosa e irreverente dissecação das agonias e compromissos da corrente de pensamento da esquerda liberal. Cohen vem da esquerda e em criança via a mãe escrutinar as prateleiras do supermercado à procura de sumo de limão politicamente correto. Quando, com 13 anos, descobriu que a sua querida e preferida professora de Inglês votava nos conservadores quase caiu da cadeira: “Para se ser bom, tinha que se ser de esquerda.” Hoje, à medida que enumera absurdos, Cohen pede-nos que reconsideremos o que significa ser de esquerda nestes tempos turvos e confusos. Reclamando o regresso dos valores da democracia e da solidariedade que uniram um movimento que lutou contra o fascismo e perguntando o que resta afinal da esquerda?



### Baudolino

Umberto Eco

Na zona do baixo Piemonte onde, anos depois, virá a surgir Alexandria, Baudolino, um pequeno camponês fantasioso e aldrabão conquista o imperador Frederico Barbarroxa e torna-se seu filho adotivo. Baudolino vai fabulando e inventando mas, quase por milagre, tudo o que imagina produz História. Entre outras coisas, constrói a mítica epístola do Pres-tes João, que prometia ao Ocidente um reino fabuloso, no longínquo Oriente, governado por um rei cristão, que abalou a fantasia de muitos viajantes sucessivos, incluindo Marco Polo... Assim, a partir do imaginário do seu protagonista, Eco cria uma narração leve e hilariante, em que nada é absurdo, que narra os acontecimentos históricos como aventuras de um grande romance picaresco.



### Inteligência Emocional

Daniel Goleman

O psicólogo que durante muitos anos trabalhou para a secção sobre ciências comportamentais e do cérebro do “New York Times”, Daniel Goleman, serve-nos de guia numa jornada através da visão científica das emoções de alguns dos mais confusos momentos das nossas próprias vidas e o mundo que nos rodeia. O fim da jornada é compreender o que significa trazer inteligência à emoção, e como fazê-lo porque se as nossas paixões, quando bem exercidas, têm sabedoria, guiam o nosso pensamento, os nossos valores e a nossa sobrevivência, também podem facilmente desgovernar-se e fazem-no com frequência.

# Os Últimos Presos do Estado Novo

Com a chancela da Oficina do Livro (LeYa), chegou, no dia 23 de abril, às prateleiras das livrarias a obra assinada pela jornalista do “Expresso” Joana Pereira Bastos: “Os Últimos Presos do Estado Novo”. Apresentado por Manuel Alegre, o livro pretende combater “um branqueamento da violência e do grau de sofisticação dos métodos da PIDE”, procurando assim “contrariar a tese de que a queda da ditadura se deveu unicamente a um grupo de capitães” e de que a polícia do Estado Novo “era relativamente branda” na sua ação.

Nas palavras da autora, a obra expõe o testemunho dos homens e mulheres que sofreram na pele a brutalidade da PIDE enquanto, lá fora, a revolução era preparada.

Joana Bastos relata que a PIDE recebeu formação da Alemanha e dos Estados Unidos sobre técnicas de tortura a aplicar aos presos políticos durante o Estado Novo e que depois de uma curta “Primavera Marcelista”, o país as-

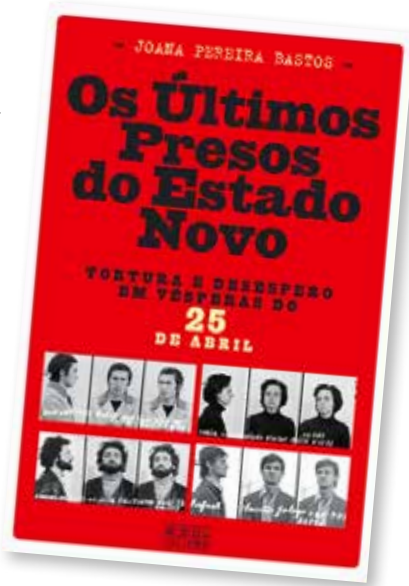
sistiu a uma escalada da repressão contra os portugueses que enfrentavam a ditadura.

Entre 1973 e 1974, refere o texto, mais de 500 pessoas, pertencentes a vários movimentos políticos e oriundos de diferentes classes sociais, do operariado à alta burguesia, foram presas e violentadas pela PIDE.

No forte de Caxias, os presos eram sujeitos às mais sofisticadas formas de tortura, ensinadas à polícia política portuguesa pela CIA.

Depois de meses de sofrimento, os homens e mulheres encarcerados em Caxias enfrentaram momentos de angústia e incerteza quando souberam que houvera um golpe militar em Lisboa – seria um golpe da esquerda ou, tal como acontecera pouco antes no Chile, da direita radical?

Detrás das grades, privados



de informação credível, os prisioneiros enfrentaram essa dúvida insuportável durante horas a fio. Alguns temeram pela própria vida, esperando que um pelotão de fuzilamento os viesse buscar às celas.

Sofrendo até ao fim, os últimos presos políticos do Estado Novo só conheceram a liberdade na madrugada de 27 de abril de 1974 – dois dias depois da Revolução que acabou com 48 anos de ditadura. A não perder! ■ M.R.

## O POEMA DA VIDA DE...

### *Vou-me embora para Pasárgada*

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
De tal modo inconsequente  
Que Joana a Louca de Espanha  
Rainha e falsa demente  
Vem a ser contraparente  
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica  
Andarei de bicicleta  
Montarei um burro brabo  
Subirei no pau-de-sebo  
Tomarei banhos de mar!  
E quando estiver cansado  
Deito na beira do rio  
Mando chamar a mãe-d'água  
Pra me contar as histórias  
Que no tempo de eu menino  
Rosa vinha me contar  
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
Tem telefone automático  
Tem alcaóide à vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste  
Mas triste de não ter jeito  
Quando de noite me der  
Vontade de me matar  
– Lá sou amigo do rei –  
Terei a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada



**MARIA ANTÓNIA  
ALMEIDA SANTOS**

“Foi em nome deste Portugal renovado e moderno e do futuro das novas gerações que, há 39 anos, também Marques Júnior decidiu erguer-se, ao lado de outros jovens oficiais das Forças Armadas, para mudar o nosso destino, para nos resgatar um destino de liberdade”

## RECORDAR MARQUES JÚNIOR É FESTEJAR ABRIL



Joana Lima

[f](#) joana.lima.9615

Recordar hoje António Alves Marques Júnior, quando festejamos as conquistas de abril, é recordar um homem de causas, é homenagear um dos capitães de abril, um dos protagonistas responsáveis pelo golpe de Estado de 25 de abril de 1974, que abriu novos mundos a Portugal.

Nesse dia, o povo saiu à rua e sonhou um país diferente, livre e democrático, um Portugal mais justo e solidário, uma nação mais desenvolvida em que a riqueza fosse melhor distribuída.

Foi em nome deste Portugal renovado e moderno e do futuro das novas gerações que, há 39 anos, também Marques Júnior decidiu erguer-se, ao lado de outros jovens oficiais das Forças Armadas, para mudar o nosso destino, para nos resgatar um destino de liberdade

Hoje relembro com emoção os anos em que convivi com ele, descobrindo-o como um homem franco, lúcido, frontal e transparente, como uma personalidade de referência nacional, a que juntou sempre um coração aberto, generoso e afável.

Teve sempre uma forma de estar que cultivava o apoio a quem mais precisava, em que prezava o que é essencial, que é afinal o relacionamento humano e a sua insubstituível riqueza.

Foi ao longo da vida uma figura intensamente dedicada ao serviço público, com um profundo empenho e entusiasmo que eu própria pude testemunhar, quando dividimos o gabinete durante quatro anos, na Assembleia da República, período em que compartilhamos saudosos e agradáveis momentos de reflexão e de debate de ideias.

Acompanhou-me assim, numa etapa crucial da minha vida e o seu exemplo, a sua simplicidade e generosidade marcaram a forma como encaro a política e o serviço público, e será sempre com respeito, reconhecimento e agradecimento que o recordarei.

Com o seu desaparecimento, os portugueses perderam um patriota comprometido com a defesa dos valores da liberdade, da democracia e da justiça social.

Por isso, evocando a memória de Marques Júnior, celebramos a esperança dos que acreditaram e concretizamos enfim, a homenagem que se impõe e que lhe é devida, e que injustamente não lhe foi concedida em vida, principalmente pelo Partido Socialista, a quem tanto se dedicou, mas também pelo país que sempre defendeu.

É, pois tempo, de Portugal lhe reservar na História, o lugar que realmente merece, e que é seu por direito. ■

## 40 ANOS DE PARTIDO SOCIALISTA

Um almoço entre António José Seguro e Mário Soares na sede nacional do PS e um jantar em Coimbra assinalaram no passado dia 19 de abril os 40 anos da fundação do PS na cidade alemã de Munstereifel.

Muitos foram os fundadores do PS que estiveram presentes neste jantar, juntando-se aos mais de mil militantes e simpatizantes que esgotaram por completo o pavilhão do Olivais, na cidade do Mondego.

Na azáfama de um jantar muito concorrido, no meio de intervenções de atuais e ex-dirigentes, de muitas conversas entre camaradas e de muitos cumprimentos, fomos ouvir alguns dos fundadores do PS, do que pensamos sobre o 25 de Abril de 1974, do papel desempenhado pelo partido nestes 39 anos de democracia e do que pensam sobre o futuro do PS. As entrevistas já estão no nosso site e no Youtube. Aqui, queremos apenas deixar algumas das frases ditas por cada um dos nossos fundadores.

**ANTÓNIO COIMBRA MARTINS** “O 25 de Abril representou o fim de um regime aberrante”

**CAROLINA TITO DE MORAIS** “O PS é o grande partido obreiro da democracia em Portugal”

**FERNANDO ANTUNES COSTA** “O nosso partido desbravou os caminhos da liberdade”

**JOAQUIM DA SILVEIRA** “O Serviço Nacional de Saúde e a liberdade política são duas das mais fortes bandeiras do PS”

**ANTÓNIO ARNAUT** “Foi o PS que criou o SNS, o Rendimento Social de Inserção, que fez a grande reforma da Segurança Social, introduziu os cuidados continuados e valorizou a escola pública”

**ANTÓNIO PEREIRA** “Mantenho-me fiel aos princípios que me levaram a aderir ao PS”

**ARONS DE CARVALHO** “Somos o partido mais marcante e influente da democracia portuguesa”

**JOSÉ LEITÃO** “A fundação do PS em 1973 foi sobretudo um ato de lucidez”

## Nunca houve tanto desemprego em Portugal

“Este é o Governo que tem manifestado uma insensibilidade social gritante”, disse o dirigente nacional do PS, Miguel Laranjeiro, perante os milhares de trabalhadores que participaram nas comemorações do 1º de maio organizadas pela UGT, em Lisboa. Para Laranjeiro, que se encontrava acompanhado de João Ribeiro, Álvaro Bezeira e Jamila Madeira, o país depara-se hoje com um primeiro-ministro “desligado da realidade e incapaz de apresentar soluções”, apontando o desemprego histórico, entre outros, como um dos exemplos da incompetência e impreparação do Executivo PSD-CDS.

As taxas de desemprego, salientou, são “absolutamente catastróficas”, ultrapassando, como lembrou, um milhão de portugueses sem emprego, sendo que metade “não têm qualquer tipo de apoio social” uma situação que para Miguel Laranjeiro “está a levar ao caos social e ao desespero de milhares de famílias”.

Não é com medidas de austeridade no valor de seis mil milhões de euros que o Governo se prepara para apresentar, que o país poderá enfrentar este



JORGE FERREIRA

flagelo social, garantindo que para os socialistas, ao contrário do Governo, a prioridade é o emprego que deverá ser con-

substanciado por medidas alcançadas através de uma concertação estratégica com todos os parceiros. ■ R.S.A.

### FOTOGRAFIAS COM HISTÓRIA



ALFREDO CUNHA

## 25 DE ABRIL 1974

Uma foto que ilustra o que se passou no 25 de abril. Um chaimite com militares do MFA nas ruas de Lisboa fazem o V da vitória, enquanto nas paredes um cartaz da Acção Nacional Popular com Marcello Caetano, que nesse dia deixava de ser o último presidente do Conselho da ditadura. ■ J.C.C.B.

